

BREVE RELATO DOS IMPACTOS ECONÔMICOS DA COVID-19 NAS EMPRESAS DA REDE PETRO-BC

GLAUCO NADER¹

¹ Diretor da Dinamus Consultoria, Professor Colaborador do Mestrado em Engenharia de Produção e Sistemas Computacionais - PURO/UFF - Rio das Ostras/RJ e Coordenador da Rede Petro-Bacia de Campos.

INTRODUÇÃO

A cidade de Macaé/RJ passou por uma longa crise econômica entre o período de 2014 a 2018, decorrente dos 5 vetores que impulsionaram, simultaneamente, uma queda sem precedentes da atividade econômica, nesse território (queda do preço internacional do barril do petróleo, crise política e econômica do País, consequências da Operação Lava Jato, crise da Petrobras e a consequente queda da arrecadação dos royalties, oriundos da produção de petróleo e gás natural).

Após uma tímida retomada econômica, novamente se abate sobre a cidade e a região da Bacia de Campos (BC) dois vetores que contribuem, também, simultaneamente, para o surgimento de uma outra crise, que ainda encontra-se em movimento de aprofundamento: a crise social e econômica mundial provocada pela pandemia do COVID-19, devido ao fechamento temporário das atividades econômicas consideradas não essenciais e, novamente, a queda do preço internacional do barril de petróleo, ocasionando diminuição dos investimentos pela Petrobras e por outras *oil companies*, atuantes nas atividades exploratórias nessa bacia.

Este trabalho pretende refletir sobre os impactos dessa recente crise, que combina esses dois vetores - COVID-19 e queda do preço do barril - nas empresas pertencentes à cadeia de suprimentos da indústria offshore de petróleo e gás na Bacia de Campos. Para isso, utilizaremos duas pesquisas realizadas nos períodos de 25/03 a 06/04 e 22/04 a 04/05, a partir das regras de isolamento social, com as empresas associadas à Rede Petro-Bacia de Campos.

IMPORTÂNCIA DAS REDES ORGANIZACIONAIS

Ao longo dos anos, as redes de negócios tornaram-se importantes instrumentos de promoção do aumento da competitividade de empresas, principalmente as pequenas e médias.

Durante o processo de reestruturação produtiva nas décadas de 1970/1980, ocorreu, paralelamente, em muitos países, o surgimento de redes horizontais de pequenas e médias empresas (PME) com objetivo de aumentar a competitividade nos mercados mais lucrativos, por meio da construção de relações cooperativas entre elas. Como exemplos conhecidos, tem-se os casos da chamada Terceira Itália, de Hong Kong e de Taiwan. Para esses últimos é apontado como elemento de sucesso para seu elevado crescimento econômico a estrutura de produção, baseada em redes de PME.

Em muitos lugares, as empresas adotam como estratégia de competição a construção de alianças baseadas nas relações de confiança estabelecidas no território. Essas alianças envolvem clientes, fornecedores e até concorrentes para o desenvolvimento de projetos em conjunto, ou seja, as conhecidas “alianças estratégicas”. Para Dias (2009: 41)

trata-se de acordos específicos, com períodos pontuais de vigência, produtos e processos, fazendo com que a competição e a cooperação se tornem comportamentos simultâneos das empresas”. No caso de Macaé e região “no âmbito das alianças interempresariais, as redes de firmas, que podem ser estabelecidas tanto entre empresas que orbitam em torno de uma grande empresa ou entre pequenas e médias empresas de uma cadeia produtiva qualquer. Tais acordos se tornam instituições que visam minorar as incertezas e facilitar o relacionamento entre seus componentes.

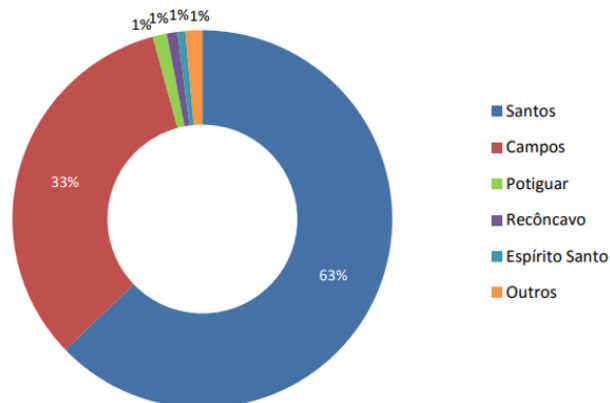
BACIA DE CAMPOS – PERDA DE RELEVÂNCIA

A Bacia de Campos (BC) possui mais de 40 anos de atividade nos seus campos, sendo considerada uma bacia petrolífera madura. Ainda em 2000, atingiu a produção de 1 milhão de barris diários e, segundo dados da ANP, em 03/2020, a BC produziu 1.095.126 boe^{II} por dia em 43 áreas offshore em produção, entretanto, no final de 2017 eram 61 áreas em atividade.

Desde as principais descobertas do pré-sal da Bacia de Santos (BS, em 2008, as estratégias de investimento voltaram-se para essa bacia de potencial elevado de produção e produtividade. Atualmente, representa 63% da produção petrolífera nacional, enquanto a BC participa com 33% de um total de 3,7 milhões de barris de boe/dia.

^{II}BOE: barril de óleo equivalente.

GRÁFICO 1
PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO PETROLÍFERA NACIONAL - BACIA



Fonte: ANP/SDP/SIGEP
Março/2020

Hoje, a BC possui 29 blocos em fase exploratória divididos com atuação de 6 empresas operadoras^{III}, 7 campos na fase de desenvolvimento da produção com 3 operadoras^{IV}, 53 campos na etapa de produção com 5 operadoras diferentes^V. O número reduzido de áreas em exploração e em desenvolvimento da produção ilustra uma das questões que agravaram a crise no território de Macaé, pois o Brasil ficou alguns anos sem leilões de novas áreas, enquanto essa bacia ficou, aproximadamente, 10 anos sem leilões – desde a 9ª Rodada em 2007 até a 14ª Rodada em 2017 – acarretando uma interrupção no fornecimento de prestação de serviços e de comercialização de bens para todos os segmentos da Cadeia Produtiva de Petróleo e Gás Natural. Concomitantemente com outros fatores, essa decisão, de não realizar leilões de novas áreas, contribuiu para a desaceleração econômica que a região enfrentou no período 2014-2018. A tabela 1 ilustra a quantidade de petróleo e gás natural produzidos pelas principais bacias sedimentares brasileiras.

^{III}Petrobras (11), BP (5), Exxon (4), Repsol (2), Equinor (1) e Shell(1).

^{IV}Petrobras (4), Total (2) e Equinor (1).

^VPetrobras (43), Shell (5), Petrório (2), Dommo (2) e Equinor (1)..

TABELA 1
 PRODUÇÃO DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL - BACIA

Bacia	Petróleo (bbl/d)	Gás Natural (Mm ³ /d)	Produção Total (boe/d)	Nº Campos produtores
Santos	1.868.381	82.530	2.387.479	19
Campos	979.856	18.327	1.095.126	34
Solimões	16.261	13.960	104.068	7
Potiguar	35.698	741	40.358	83
Recôncavo	26.547	1.684	37.141	72
Sergipe	19.755	1.777	30.930	22
Espírito Santo	20.561	1.112	27.556	36
Alagoas	2.765	856	8.148	10
Parnaíba	18	635	4.011	4
Ceará	3.528	67	3.950	4
Tucano Sul	0	33	205	5
Amazonas	15	26	181	1
Camamu	0	2	13	1
Total Geral	2.973.386	121.749	3.739.166	298

Fonte: ANP/SDP/SIGEP
 Março/2020

Outrora, a BC foi responsável por até 82% da produção de petróleo, no Brasil, atualmente, contribui com 33% da produção nacional. Verifica-se uma nítida perda de relevância dessa bacia em relação à prioridade na aplicação dos investimentos.

Porém, nesse horizonte há notícias positivas devido:

- ao retorno dos leilões de novas áreas exploratórias na região;
- à diversificação do número de operadoras atuando na bacia: Petrobras, Total, Shell, ExxonMobil, Petronas, Repsol, Equinor, BP, Chevron, Petrório, Perenco, Dommo e Trident;
- à revitalização dos campos maduros;
- à venda de campos maduros pela Petrobras às outras operadoras especializadas no processo de revitalização de campos maduros;
- por enquanto, à manutenção dos projetos pelas operadoras de petróleo;
- ao câmbio desvalorizado que contribui para o aumento da competitividade das empresas locais;
- ao gás natural, que, além das 2 termelétricas (EDF e Petrobras) existentes, há mais 5 termelétricas licenciadas e algumas iniciando as obras de instalação;
- para uma perspectiva mais distante, à expectativa de construção de um novo porto em Macaé, o TEPOR.

Assim, as perspectivas futuras para o desenvolvimento da atividade petrolífera na BC são positivas, devido aos investimentos que ocorrerão em novos projetos de exploração e produção, bem como na revitalização dos campos maduros. Além das duas termelétricas existentes em Macaé, há expectativa de consolidação de um hub de gás natural com a construção de diversas outras termelétricas para destino do gás natural produzido na Bacia de Santos. Nesse segmento, o desafio que se apresenta é a atração de empreendimentos que utilizem o gás natural como matéria-prima, por exemplo, indústrias de vidro, fertilizantes, plástico etc. Somente assim esse insumo proverá ao município e à região maior geração de valor e empregos.

A REDE PETRO-BACIA DE CAMPOS

Para compreender o conceito de rede é necessário compreender o conceito de capital relacional^{VI} que Vale (2007: 19) apresenta como

o conjunto de recursos enraizados [embedded] em redes sociais e usufruto de seus detentores [...] O capital relacional, em um dado território, é representado pelo conjunto de recursos presentes nas redes – resultantes de laços, conexões e relacionamentos, de âmbitos local e externo [...] Estes ativos, em interação com outros tipos de recursos produtivos presentes, condicionam a evolução do próprio território e a pujança competitiva de suas empresas.

Continuando, diz que “o estoque de ativos relacionais de um território, em interação com os demais recursos produtivos nele presentes, condiciona as possibilidades de crescimento de desenvolvimento local” (Vale: 2007: 24).

Além do capital relacional, uma rede é composta de nós que se conectam mutuamente de acordo com suas características. De acordo com o fluxo dos relacionamentos podem ser unidirecionais ou bilaterais, as relações podem ser diretas ou indiretas, bem como com maior presença ou ausência, segundo sua posição podem ser centrais ou periféricas e, diante da intensidade, podem ser fortes ou fracas.

^{VI}Características do capital relacional: “1) é um ativo de natureza durável, no qual outros recursos podem ser investidos, com a expectativa de um fluxo de benefícios futuros; 2) por meio de investimentos na construção de redes de relações internas ou externas, indivíduos e coletividades podem ampliar o capital relacional e obter benefícios resultantes; 3) o capital relacional é apropriável (pode ser utilizado para diferentes propósitos) e conversível (as vantagens obtidas pela posição de alguém numa rede podem ser convertidas, por exemplo, em ganhos econômicos); 4) da mesma maneira que outros tipos de capital, pode ser um substituto ou complementar outros recursos; e 5) sobre a possibilidade de ampliação no estoque de capital, pode-se observar que indivíduos que nascem ou são criados dentro de certos grupos ou classes sociais são dotados de origem, com um determinado estoque de capital relacional acumulado por esses grupos” (Vale, 2007: 85).

Ao longo dos últimos 40 anos, o aumento da atividade petrolífera da Petrobras na BC promoveu, em Macaé e Rio das Ostras, um respectivo adensamento da cadeia produtiva especializado na prestação de serviços à extração offshore de petróleo e gás natural, ou seja, formando uma verdadeira aglomeração produtiva^{VII}.

Diante desse quadro, houve por parte dos empresários e com apoio das instituições de fomento e de representação política locais uma articulação no sentido de internalizar as exigências dos requisitos de fornecimento impostas pela Petrobras e pelas grandes empresas – nacionais e internacionais – para atuação nesse território^{VIII}.

Com objetivo de fortalecer os laços relacionais no território da Baía de Campos, a Rede Petro-Bacia de Campos atua como articuladora de empresas fornecedoras da indústria de petróleo e gás natural no segmento offshore e instituições locais (Sebrae, Senai, Firjan, ACIM, Petrobras e Prefeitura de Macaé) que apoiam o empresariado com objetivo de construir um ambiente favorável ao desenvolvimento de negócios que propiciem maiores oportunidades comerciais às empresas associadas que se relacionam com esta aglomeração produtiva competitiva^{IX}, por estarem fisicamente no território da BC ou somente por estabelecerem um relacionamento na esfera dos negócios. Importante destacar que a Rede Petro-BC não é um espaço de representação política do empresariado – função destinada às associações, sindicatos e federações -, mas somente um espaço de fomento de negócios.

A Rede Petro-BC foi lançada em outubro/2003 - a partir da experiência da Rede Petro Rio Grande do Sul - e do fomento de um programa de apoio ao fortalecimento da competitividade da cadeia produtiva de petróleo e gás natural, promovido pelo SEBRAE e, depois, fortalecido nos primeiros anos por um convênio com o mesmo objetivo com a Petrobras.

VII^o Utilizo o termo aglomeração produtiva para designar um tipo de território com alta concentração de empresas pertencentes a um mesmo setor de atividades, interagindo em um ambiente condicionado por fatores associados à proximidade física e às condições sociais, culturais e institucionais presentes” (Vale, 2007: 31).

VIII^o Assim, é possível identificar um padrão geral das regras e normas que fazem parte do ambiente institucional do arranjo produtivo de petróleo e gás de Macaé. Primeiramente, há as regras que são externas ao arranjo produtivo, que determinam sua evolução. Estas são instituídas por duas fontes: (1) a regulação feita pela Agência Nacional de Petróleo, que dita os rumos gerais do setor e (2) as regras instituídas pelas operadoras de petróleo e gás e pelas grandes fornecedoras de bens e serviços (Dias, 2009: 103).

IX^o Aglomeração produtiva competitiva é visualizada como um espaço territorial em que atores produtivos distintos buscam a interação e a cooperação, visando a reduzir seus respectivos custos de transação, no presente e no futuro, e gerando, a partir daí, uma dinâmica territorial própria” (Vale, 2007: 39).

Atualmente, com quase 17 anos, está em pleno funcionamento, com aproximadamente 90 empresas associadas, instaladas no Estado do Rio de Janeiro, e se constituiu em um dos principais fóruns do empresariado regional.

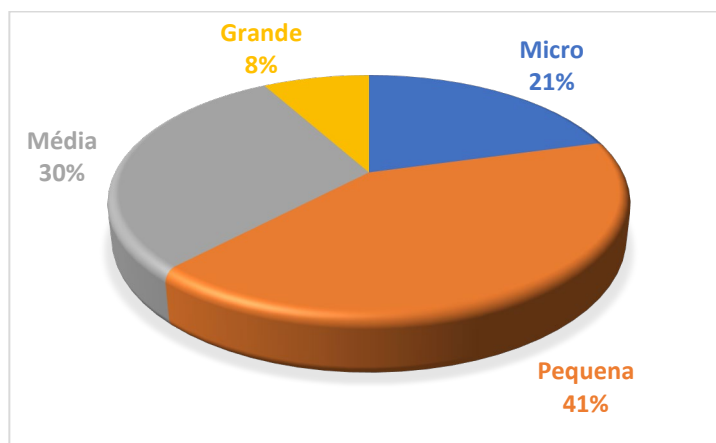
Possui como missão “articular fornecedores e clientes da cadeia de petróleo, gás e energia e agentes de desenvolvimento e pesquisa da Bacia de Campos em uma rede de relacionamentos” (Rede Petro-BC, 2020). Essa articulação ocorre por meio das reuniões do Comitê Gestor – comitê estratégico, dos seminários temáticos, das reuniões gerais, rodadas de negócios e de eventos em geral, bem como por meio de grupos dinâmicos das redes sociais. Para as empresas – associadas ou não – funciona como um hub de informações sobre o setor de petróleo e gás natural, pois diversas instituições de fomento e de representação política são parceiras da Rede Petro-Bacia de Campos, tais como: SEBRAE, ACIM, PETROBRAS, FIRJAN, SENAI, UFF, IADC, Repensar Macaé, Prefeitura de Macaé, Convention Visitors Bureau, SPE International e AMACON.

Com a queda da produção na Bacia de Campos, um dos principais objetivos estratégicos definidos pelo Comitê Gestor é a busca por novos mercados para atuação das empresas associadas, pois compreende-se que as empresas com experiência de fornecimento ao segmento offshore são competitivas para atuarem em novas fronteiras exploratórias. Por isso, definiu-se, antes da pandemia, realizar missões empresariais para o Nordeste brasileiro e para a Guiana. Além disso, desde 2018, a Rede Petro-BC realiza seminários temáticos sobre descomissionamento de instalações marítimas de produção e campos maduros. Em 2020, definiu como temáticas estratégicas:

1. o acompanhamento da intensificação das atividades ligadas à indústria de gás natural, devido à possibilidade de instalação de mais 5 termelétricas em Macaé – além das 2 já existentes;
2. o desenvolvimento dos campos maduros, devido à entrada de novas operadoras de petróleo que adquirirem as concessões na BC, a partir do programa de desinvestimento da Petrobras.

Atualmente a Rede Petro-Bacia de Campos possui 87 empresas associadas de diferentes portes e municípios do Estado do Rio de Janeiro. Estas características são definidas abaixo.

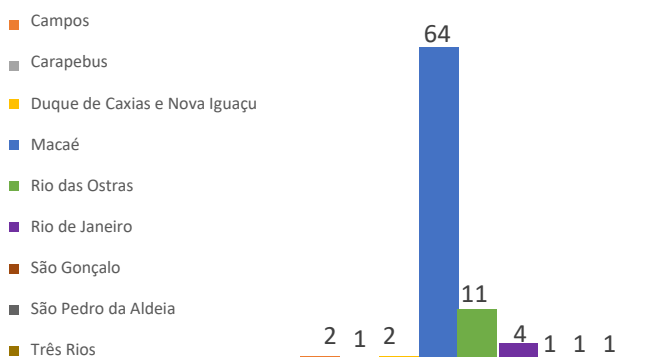
GRÁFICO 2
PERFIL DOS ASSOCIADOS - PORTE



Fonte: elaboração própria.

Os associados da Rede Petro - Bacia de Campos são majoritariamente micro (21%) e pequenas empresas (41%), enquanto as médias são 30% e as grandes (7%). Em termos de números de funcionários são 59 empresas com até 19 colaboradores, 25 com 20 a 99 e 3 com o número de colaboradores entre 100 a 499. A partir de 2019 podem ser associadas empresas que possuam CNPJ no Estado do Rio de Janeiro. Até esse momento, somente empresas com CNPJ em um dos municípios da BC podiam pleitear a associação. Aparentemente uma decisão acertada, pois são 8 empresas associadas de localidades de fora da BC. Abaixo o gráfico ilustra o número de empresas por município:

GRÁFICO 3
PERFIL DOS ASSOCIADOS - MUNICÍPIO



Sintetizando, o perfil das empresas associadas à Rede Petro-BC é formado, majoritariamente, por micro e pequenas empresas (62%) com até 19 funcionários (68%) estabelecidas em municípios da BC (92%).

DEPOIS DE 5 VETORES... AGORA SÃO 2

Como dito antes, o ERJ, a BC e, particularmente a cidade de Macaé, atravessaram, no período de 2014 a 2018, uma profunda depressão econômica proveniente dos 5 elementos que contribuíram simultaneamente para a queda da atividade econômica: queda do preço internacional do barril do petróleo, crise política e econômica do País, consequências da Operação Lava Jato, provocando o encerramento das atividades de empresas envolvidas que possuíam operações na região, crise da Petrobras com a queda de confiança e dos investimentos e a, conseqüente, queda da arrecadação dos royalties, oriundos da produção de petróleo e gás natural devido à diminuição do preço do óleo e à queda na produção petrolífera da BC (Nader, 2019b).

Passados dois anos, a expectativa de retomada econômica era uma certeza devido aos reflexos observados no aumento do volume dos negócios e na geração de empregos. Os elementos que indicavam esse movimento eram 1) a retomada dos leilões de concessões pela ANP de áreas na BC e na Bacia de Santos, 2) a decisão da Petrobras de aplicar US\$ 64,3 bilhões (85%) na área de Exploração & Produção, sendo US\$ 20 bilhões na BC; 3) a entrada de novas operadoras petrolíferas nos leilões e na aquisição dos campos maduros da BC, permitindo uma diversificação de *players* no mercado para as empresas fornecedoras instaladas na região.

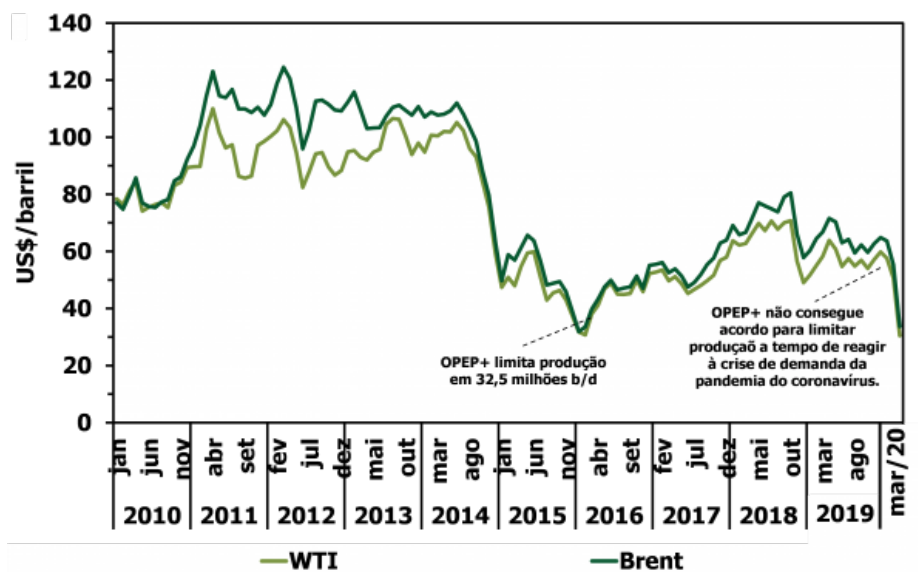
Diante desse fio de esperança, no horizonte, o ano de 2020 inicia cumprindo as expectativas, quando no final do 1º. trimestre observa-se a inesperada e inédita pandemia devido à COVID-19, além de uma guerra de preços por *marketshare* entre os países da OPEP+^x - principalmente Rússia e Arábia Saudita.

As estratégias de isolamento social para diminuir a velocidade de contágio do vírus provocam um choque de demanda devido ao fechamento total ou parcial dos negócios com objetivo de restringir a circulação de pessoas.

^xA OPEP+ é conhecida como a aliança entre os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e outros países com grande produção de petróleo, principalmente a Rússia.

Com isso há uma diminuição da atividade econômica e, conseqüentemente, de energia e derivados de hidrocarbonetos. Concomitante e independentemente ocorre um choque de oferta com o mercado super abastecido de óleo devido ao crescimento da oferta. Esses dois movimentos simultâneos provocam uma queda abrupta do preço do barril, uma diminuição das atividades operacionais e do investimento no setor – por exemplo, com a postergação de novos leilões da ANP.

GRÁFICO 4
EVOLUÇÃO DO PREÇO DO BARRIL – WTI / BRENT



Fonte: CBIE, com dados da EIA

Além do impacto nos negócios das empresas fornecedoras, esses elementos impactarão fortemente os governos locais, pois haverá diminuição da arrecadação tributária e do repasse dos royalties e participações especiais, no momento em que os custos são elevados para suprir o atendimento e o aumento das carências da área de saúde. Também as empresas supridoras do mercado de exploração e produção instaladas na BC estão com suas receitas deprimidas, pois houve adiamento da assinatura de novos contratos; suspensão, renegociação e cancelamento de contratos vigentes; diminuição ou parada completa dos investimentos das empresas petrolíferas e das grandes empresas prestadoras de serviços, que são as principais demandantes do setor.

IMPACTOS NAS EMPRESAS DA REDE PETRO-BC

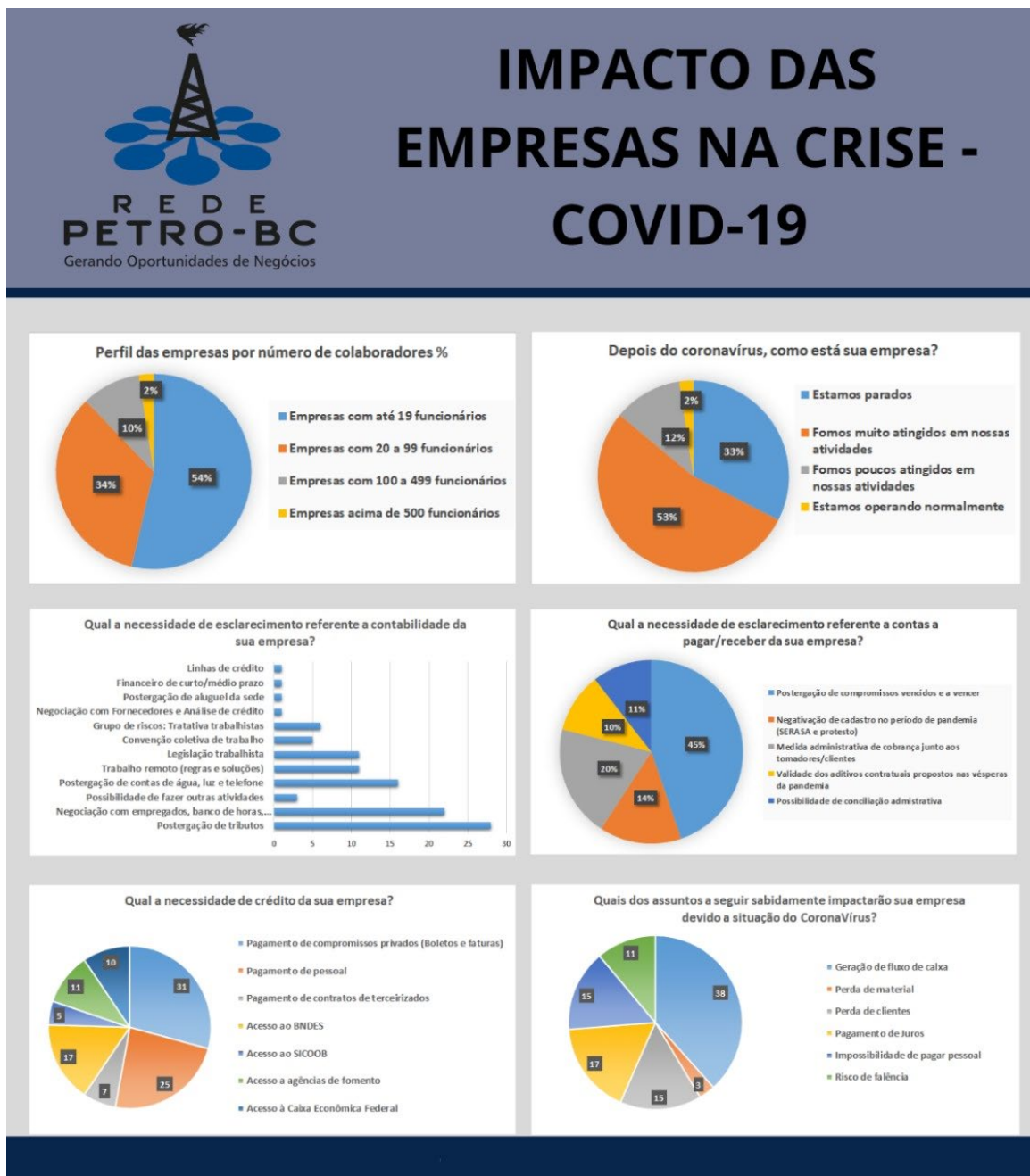
Para compreender os impactos da crise provocada pelas medidas de isolamento social ante a pandemia do Covid-19 e da abrupta queda do preço internacional do barril do petróleo, a Rede Petro-BC realizou duas pesquisas para tentar apreender os impactos desses dois vetores que compõem esse novo momento de crise nas empresas associadas.

O objetivo foi apreender quais as decisões e as expectativas dos empresários, bem como, os impactos nas empresas para elaborar as estratégias necessárias de enfrentamento e de apoio para os próximos meses. Essas pesquisas foram realizadas de forma online com as 87 empresas associadas, sendo composta de perguntas fechadas para facilitar as respostas. As pesquisas partiram do mesmo universo, porém, a amostra foi diferente, pois houve maior número de respostas na segunda e empresas diferentes podem ter respondido ao questionário. Sendo assim, as perguntas são diferentes em cada pesquisa, pois, de acordo com a conjuntura, o interesse pelos temas se modifica.

A primeira pesquisa ocorreu no período de 25/03 a 06/04 e obteve 41 respostas de empresa. Como dito antes, a primeira pesquisa foi respondida por 41 empresas de um total de 87, sendo 54% empresas com até 19 funcionários. Até aquele momento, 53% apontou que foram muito atingidos pela crise e 33% estavam com as atividades totalmente paralisadas.

As empresas apontaram como uma das maiores necessidades a obtenção de informações sobre a postergação de pagamentos de compromissos e impostos, pois naquele momento as medidas de apoio dos governos estavam sendo elaboradas e/ou haviam sido publicadas recentemente. Também foram solicitadas informações sobre as alterações na legislação trabalhista para apoio emergencial às empresas, tais como negociação com trabalhadores, banco de horas, suspensão temporária dos contratos, férias e trabalho remoto. Conseqüentemente, as principais necessidades apontadas foram a obtenção de crédito para pagamento dos compromissos e da folha salarial - visto que as receitas diminuíram fortemente - e a necessidade de diminuir a perda de clientes. Além disso, 98% disseram que foram impactados de alguma forma pelo cenário atual e 11% correm risco iminente de falência, 85% apontaram que receberam comunicado de clientes, solicitando postergação de pagamentos. Os resultados foram descritos a seguir.

FIGURA 1
IMPACTO DA COVID-19 NAS EMPRESAS – 1º. ETAPA



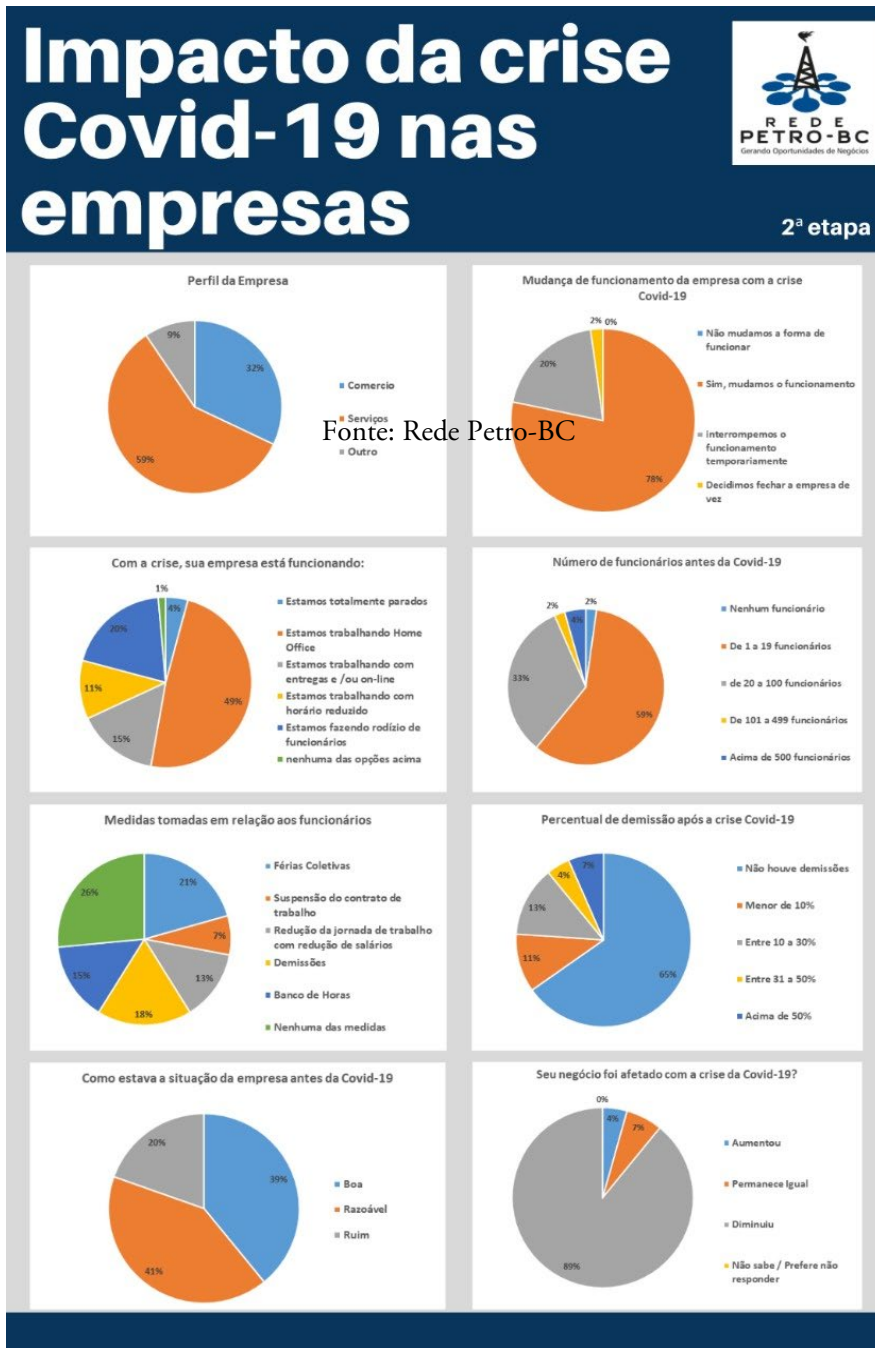
Na avaliação do Comitê Gestor dos resultados da pesquisa ainda foram apontados outros itens importantes que impactam o fluxo de caixa das empresas fornecedoras:

- grandes empresas e outros clientes estão postergando o pagamento dos serviços que haviam sido prestados e dos bens entregues antes de 15/03, ou seja, antes das medidas de isolamento social e da queda do preço internacional do barril;
- adiamentos de ordens de serviços de manutenção e de embarques nas embarcações de produção ou de navegação;
- suspensão e/ou cancelamento de contratos vigentes; e
- recusa no recebimento de materiais solicitados, adiando a emissão da nota fiscal para faturamento.

A segunda pesquisa foi realizada no período de 22/04 a 04/05 com 46 respostas das empresas associadas, conforme Figura 2. De forma geral, foi respondida por empresas dos seguintes segmentos: 59% são prestadoras de serviços, 32% são do comércio e 9% de outros segmentos. Ela apontou que:

- levando em consideração a situação da empresa antes da crise, 41% responderam que a situação da empresa era razoável, 30% era boa e 20% ruim;
- 89% disseram que houve diminuição da receita;
- 95% mudaram a forma de funcionamento da empresa, sendo que 49% estavam em home office, 20% fazendo rodízio de funcionários, 15% trabalhavam com entregas e online e 11% estavam com horário reduzido;
- 1 empresa encerrou as atividades permanentemente;
- em relação aos funcionários, 65% ainda não precisaram recorrer às demissões, mas 18% demitiram;
- ainda em relação à força de trabalho, 26% não tomaram nenhuma medida, 21% recorreram às férias coletivas e 13% promoveram a redução da jornada de trabalho com redução salarial.

FIGURA 2
 IMPACTO DA COVID-19 NAS EMPRESAS – 2ª. ETAPA



Essas duas pesquisas subsidiaram o Comitê Gestor à realização das seguintes ações:

- *webnar* sobre alterações na legislação trabalhista;
- *webnar* sobre linhas de crédito com a Caixa;
- *webnar* em parceria com o Sebrae sobre novas ferramentas online para aumentar a produtividade do trabalho;
- elaboração do Guia de Medidas da COVUD-19 – um *hot site* que reúne a legislação publicada de interesse das empresas de forma objetiva e resumida;
- divulgação de diversos eventos online ligados aos negócios do segmento de petróleo e gás.

Além dessas ações, outros temas foram solicitados pelas empresas para serem discutidos ou encaminhados para algum parceiro:

- Perspectivas do setor de P&G - Perspectivas para o *Downstream*; O impacto do preço do petróleo no futuro pós-pandemia em Macaé e no Brasil;
- Programa de desinvestimento de campos – descomissionamento e hibernação de plataformas;
- Encaminhadas ao movimento Repensar Macaé - Tendências do mercado geral e sustentabilidade da cidade; Postergação de impostos e taxas municipais;
- Relação com a Petrobras na Bacia de Campos – assuntos operacionais, recebimento de materiais; hibernação de plataformas; reposicionamento em relação aos investimentos e na relação com os fornecedores;
- ANP - possibilidade da redução dos royalties para melhorar as condições dos operadores de campos de petróleo;
- Linhas de Créditos (bancos) - estreitamento efetivo com instituições financeiras;
- Encaminhadas ao Sebrae – Gestão financeira: alternativas de financiamento do fluxo de caixa e negociação de dívidas; Como superar a crise; Melhoria no atendimento online; Estratégias de marketing digital; Vendas B2B online; Como manter o foco nas tarefas *home office*; Associativismo, cooperativismo entre as empresas.

Com objetivo de avançar na apreensão do impacto dessa crise nas empresas associadas à Rede Petro-BC, ainda serão realizadas pesquisas mensais para orientar as ações a serem realizadas.

CONCLUSÃO

Os impactos da crise atual - provocada pelas medidas de contenção do vírus da Covid-19 e da queda do preço internacional do barril de petróleo – são fortes e amplos, atingindo praticamente todos os negócios. Ainda perdurarão por alguns meses no cenário econômico de Macaé e da BC, principalmente devido às incertezas de condução e dos caminhos a serem indicados pelas autoridades governamentais.

Esse último provoca apreensão nos empresários, pois não há possibilidade de planejamento e perspectiva de como e quando os negócios funcionarão, visto que, talvez novas exigências, práticas e hábitos sejam internalizados permanentemente.

Algumas certezas podem ser elaboradas, tais como o impacto será permanente e acarretará num volume crescente de demissões, diante da diminuição da capacidade financeira e de obtenção de crédito das empresas; e alguns negócios serão encerrados permanentemente.

Aumentou a urgência das empresas instaladas em Macaé e na BC alcançarem novos mercados, isto não significa que precisarão retirar suas sedes e bases operacionais da região, mas a expertise de 40 anos de atuação no segmento *offshore* permite atuação em outros lugares com a manutenção do *know how* neste território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANP. Boletim da produção de petróleo e gás natural. Número 115, 03/2020, 37p.
- ANP. Dados estatísticos. Em 07/05/2020. www.anp.org.br.
- CBEI. www.cbei.com.br. Em 15/05/2020.
- Dias, R. S. O arranjo produtivo do setor de petróleo e gás natural em Macaé: uma análise do ambiente institucional. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009, 158f.
- Lastres, H.M.M. & Cassiolato, J.E. Apoio a arranjos produtivos no Brasil: moda ou modo. In: Desafios de competitividade em arranjos produtivos locais – dinâmicas de inovação e papel das incubadoras de empresas e parques tecnológicos. Org. Lages, V. & Tonholo, J. Brasília, ANPROTEC, 2006, 256p.
- Nader, G.L. O posicionamento estratégico de Macaé no desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro. Tese de doutorado, 2009. IPPUR/UFRJ, 277 p.
- Nader, G. L. Uma nova centralidade para Macaé. Revista Espaço e Economia – Revista Brasileira de Geografia Econômica, volume VII, número 14, 1º. Parte, 2019a.
- Nader, G.L. Impactos da recente crise do setor de petróleo em Macaé, 234-248 p. In: Silva, S.R.A. & Carvalho, M.R. organizadores). Macaé, do caos ao conhecimento - olhares acadêmicos sobre o cenário de crise econômica. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019b, 576 p.
- Pellegrin, I.D. & Araújo, R.S.B. Caracterização do arranjo produtivo do petróleo da Bacia de Campos e a estruturação de uma rede de empresas – a Rede Petro-BC. Rio de Janeiro, Sebrae, 2005, 166p.
- REDE PETRO-BC – Avaliação de saúde empresarial. Apresentação PPT, março e abril/ 2020.
- REDE PETRO-BC – www.redepetro-bc. Acessado em 13/05/2020.
- Vale, G.M.V. Territórios vitoriosos – o papel das redes organizacionais. Editora Garamond / Sebrae, 2007, 208 p.